Eh real!

SUMARIO

I—**Apresentação.**

II—**Nun Alvares**, João Camoezas.

III—**Arte... politica.**

IV—**Cartas Ironicas**, A. Bustorff.

V—**Paginas livres:** *O Preconceito da Ordem*, Fernando Pessoa.

VI—**As conferencias da Liga**, Artur Ribeiro Lopes.

VII—**A arrogancia espétaculosa de Paiva Couceiro**, Sergio Silvio.

VIII—**De Cara...**, João C. Simões da Costa.

IX—**Um confronto edificante.**

X—**Comentarios.**

Preço 2 centavos

N.º 1

Progresso

Preço 2 centavos

N.º 1

ANO I — Lisboa, 13 de Maio de 1915 — NUMERO I

Eh real!

PANFLETO SEMANAL DE CRITICA E DOUTRINAÇÃO POLITICA

Propriedade da Empresa do **Eh real!**

Director e Editor: **João Camoezas**

Secretario: **Sergio Silvio** *Administrador:* **Joaquim M. Duarte Ferreira**

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. ESTEFANIA, 49, 3.º

COMPOSTO E IMPRESSO
RUA DE S. BENTO, 24

Apresentação

Nas horas da crise social, quando a incerteza aperta o coração dos patriotas em confrangimentos de angustia, quando as forças instinctivas se compoem em impetos de revolta, quando a injustiça se torna mais cega e a desvergonha mais descarada, intensifica-se a afinidade dos valores sociais, engendram-se novos instrumentos de atividade, criam-se maneiras novas de energia, em ordem, a abrir caminho a uma reacção eficás, visando o restabelecimento do equilibrio. E' a reciprocidade da acção e da reacção, manifestando-se no campo social, como no fisico; é a lógica inexoravel dos fenómenos naturais.

A' crise actual da nossa sociedade tinham, pois, de fatalmente corresponder novos e inesperados arranjos das forças sociais, agentes da inevitavel reacção, factores determinantes de sistemas opostos aos fluxos dissolventes. Esta pequena brochura de combate desassombrado e violento é um dos resultados deste processo reconstrutivo e creador, elaborado, espontaneamente, nos flancos sempre fecundos e misteriosos do organismo social.

Aqui nos agrupamos uma dusia de portugueses de lei, que não fomos buscar á obra do sr. Charles Maurras a inspiração do nosso nacionalismo, que não macaqueamos em atitudes pedantes e grotescas intelectuais exóticos, que estamos dispostos a tudo sacrificar, a vida inclusivé, á construcção dum Portugal melhor e á segurança da Republica, sua inevitavel fiadora. Aqui estamos, numa postura que, por consequencia, tem de ser revolucionaria, de guerra sem quartel e sem descanço a quanto represente prejuiso social. Seremos, por

isso, contra o exercito, porque o queremos pouco politico e muito militar; contra os partidos das direitas porque os queremos menos subservientes e mais civilistas; contra os indiferentes porque os queremos muito activos e pouco comodistas; contra as sabenças de cartás porque as queremos mais efectivas e menos balôfas; contra o monarquismo, contra a cobardia, contra os tartufos porque em si contém todo o mal, cujo desenvolvimento se objectiva na miseravel situação a que chegamos.

Vimos em son de guerra, bem providos de coragem e de desassombro, decididamente apostados a defrontar a **besta**, *a velhissima* **besta**, *que por aí tem tripudiado á solta, vai em mais de tres seculos e que importa dominar, fasendo-a afocinhar na sua vasa originaria até ficar reduzida á condição de inofensivo e repelente espantalho. Vimos ocupar o nosso posto, onde nos encontrarão prevenidos para todas as ciládas e armados para todos os embates e donde nesta hora de inicio endereçamos ao Povo Português, a unica força verdadeiramente nacional da nossa sociedade, um apelo caloroso, que tem de ser guerreiro, porque a ocasião se não presta a sentimentalismos afectivos por mais justos e merecidos.*

Vamos a isto!

Nun Alvares!

Na historia dum povo aparecem de longe em longe personalidades extraordinarias, onde as virtudes mais altas e as qualidades mais nobres culminam em assomos de prodigio. Essas personalidades gigantescas, sinteses imorredoiras das energias duma raça, são sempre factores marcantes, decisivos, na evolução duma patria. Por isso a morte as não apaga nem anula e o tempo tão sómente concorre para avultar as linhas de seus perfis dominadores. Sucedem-se as geraçõis e quanto mais distantes tanto mais intensa vai sendo a sua admiração por esses altissimos valores da raça, terminando esta admiração por assumir os moldes superiores dum verdadeiro culto. E' este culto das autenticas glorias do passado a expressão superior da continuidade histórica dum povo. O seu enfraquecimento, por consequencia, é um sintoma de desagregação social, significa a existencia dum gravissimo estado morbido do caracter.

Quem observar attento a sociedade portuguesa de nossos dias ha-de sentir-se tristemente impressionado perante a obliteração do culto a que fisemos referencia. Existe é facto uma falange que se intitula paladina da tradição, mas que dela faz unicamente um argumento politico, procurando arrancar-lhe a justificação dum quietismo social que seria a morte. Ha tambem uma imprensa, onde topamos a cada instante o nome dos grandes homens do passado, mas convertido em

anexim, com que ela adorna, numa profanação revoltante e numa inconsciencia assustadora, os seus caudilhos, as figuras dominantes de seus cartases.

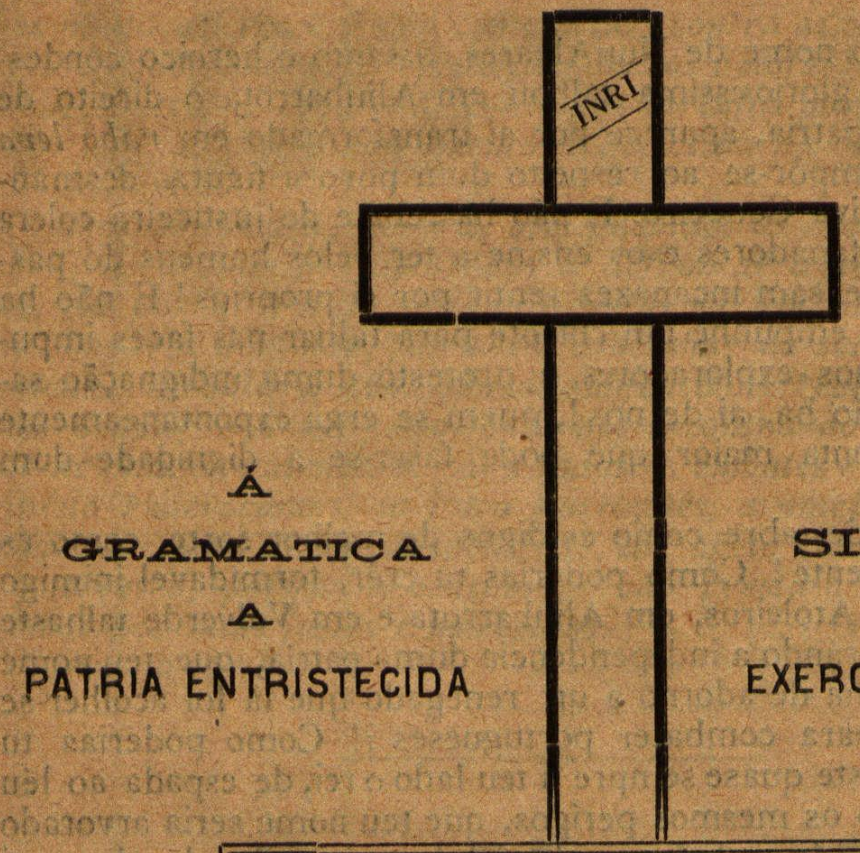
Agora mesmo o nome de NunAlvares, o santo e heroico condestabre, cuja espada gloriosissima talhou em Aljubarrota o direito de existencia da nossa patria, aparece por aí transformado em *rabo leva* com que procura impôr-se ao respeito dum povo a figura desmanchada e reles de Paiva Couceiro. E não ha rebate de justiceira colera que fulmine os profanadores e os ensine a ter pelos homens do passado o respeito que sam incapazes sentir por si proprios! E não ha mão vingadora que empunhe um chicote para talhar nas faces impudicas dos mesquinhos exploradores o protesto duma indignação sagrada! E não ha, não ha, ai de nós!, quem se erga expontaneamente para repelir a afronta maior que pode faser-se á dignidade dum povo!

Meu santo condestabre como és digno de melhor sorte, como és digno de melhor gente! Como poderias tu crêr, formidavel inimigo de Castela que nos Atoleiros, em Aljubarrota e em Valverde talhaste uma epopeia, assegurando a independencia duma patria, que teu nome serviria ainda um dia de adorno a um renegado que lá foi acolher-se e receber auxilio para combater portugueses ?! Como poderias tu crêr, tu que encontraste quase sempre a teu lado o rei, de espada ao léu como tu, afrontando os mesmos perigos, que teu nome seria arvorado ainda em decoração do paladino ridiculo dum rei cobarde, dum rei que apelou para a fuga mal a primeira granada revolucionaria lhe anunciou a derrocada efectiva dum trôno corroido pelo caruncho de todas as ignominias?! Como poderias tu crêr, tu que eras a personificação da honradês, que teu nome seria utilisado um dia para enfeitar uma creatura que havendo-se comprometido expontaneamense a não se aliar com estrangeiros para combater a Republica (*), em Hespanha foi instruir as suas guerrilhas e com auxilio de hespanhois as armou?! Como o poderias tu crer?! Se a infamia transcende todas as possibilidades! Se o desafôro é para alem de todas as conjecturas! Ah, mas descança, o dia da justiça ha-de raiar ainda! Portugal não morrerá, e, numa hora, que talvez não venha longe, ha-de vingar o sacrilegio! E êle o desgraçado doente, cujo desequilibrio mental os chatins aproveitam á maravilha, ficará na historia redusido a suas verdadeiras porporções; porque Ela, a incorregivel, a sempre justa, a reparadora, não lhe tomará em conta o passado de luctador africano, para diminuir as responsabilidades de sua traição: Tambem João de Mascarenhas tinha um passado glorioso, estivera em Diu, esse padrão imorredouro de nossas glorias, e nem por isso Ela lhe perdoou que colaborasse na entrega de Portugal a Filipe de Castela!

João Camoesas.

(*) N.º 1987 de *A Lucta*, 2.ª página «A cronica dos traidores».

ARTE... POLITICA



AQUI JAZ A GRAMATICA PORTUGUÊSA VICTIMA IMDEMNE DO GENERAL PIMENTA DE CASTRO,
NO ANO DA CRISE DE MCMXI
OH! ALMAS QUE PASSAES, TREMEI DO ASSASSINO!!!
CULTORES DA SINTAXE, DEIXAE ESTAS PARAGENS!!!
(*Padre Nosso-Avé Maria*).

Em 8 de outubro de 1911.

Ex.mo Senhôr Presidente do Conselho—Pelo Ex.mo Senhôr Barrêto, secretario particulár de V. Ex.ª foi-me entregue em minha casa, hontem (sic), pelas 10 horas da noite, uma preventiva carta de V. Ex.ª, pela qual fiquei surprêsamente inteirádo do procedimento (que me abstenho de qualificar) havido para comigo por parte de cinco colêgas meus no ministerio e de que V. Ex.ª, com a sua presidencial supremacia, é um desses cinco conluiados (sic).

Saude e Fraternidade

O ministro da guerra

Joaquim Ferreira Pimenta de Castro

PROJECTO DE UM MONUMENTO

AO

HEROE DA "PRESIDENCIAL SUPREMACIA,,

(Recebem-se donativos até á quantia de um centávo)

CARTAS IRONICAS

I

"Pimenta de Castro atravez a Gramatica"
ou "A Gramatica de Pimenta de Castro"

PRIMEIRAS LETRAS PARA O SENHOR MINISTRO!

Ignorantissimo General:

Li a sua carta de 8 de outubro de 1911, dirigida ao senhor republicano João Chagas, de que francamente não gostei, como já lêra a sua declaração (ou lá o que é) de 6 de fevereiro de 1915 que por um pouco não deu comigo em doido. A primeira desagradou-me pelo seu estilo «elevadeo e transcendente»; a segunda pelas suas incorrecções lamentosas e pela sua «erudição cagadocia» — como dizia o Fialho. E', porem, acerca da primeira, por mais recentemente aparecida, que eu venho discorrer por uns momentos comsigo.

Fazendo-o, começarei por lhe apresentar as minhas desculpas por tanto e tão estranho atrevimento, porque, na realidade é acção descaroavel, é mesmo crime de lésa-monarquia roubar a V. Ex.ª, valente General, alguns dêsses preciosos instantes por V. Ex.ª tão republicanamente empregados no trabalhôso afan da dissolução das corporações administrativas, da nomeação de monarquicos que as substituam e quejandas... «reformaries» mais. Mas eu fio-me na bondade sempre demonstrada em todos os seus actos, antigos e modernos!

A sua «presidencial supremacia» hade permitir que eu, humilimo prosadôr e o mais militarisádo dos seus subditos, venha em «preventiva carta», traduzir-lhe alguns dos mais intimos pensamentos que no meu cerebro se abrigam. A sua guerreirissima catadura ha-de, mesmo, encarár sem menosprêzo a garotice inquieta e arreliadôra dum espirito juvenil e arrojádo cujo unico bilhete de apresentação consiste em possuir uma procuração devidamente autenticáda da Gramatica, da Sintaxe e de outras respeitaveis matrônas mais. Porque, realmente, o meu General assassina, com um furôr que nos faz Heródes — as minhas pobres protegidas!... As cutiladas pregadas no Partido Democratico, em comparação com as dentadas arrumadas na Gramatica em todos os atavicos produtos de sua megal comanica cachimónia, são simples picadélas de alfinête! Por cada senadôr Filipe da Mata demitido, emite o meu General pelo menos trezentas infracções gramaticaes! E, fazendo-o, falta ao seu programa «pegar na lei e andar p'ra *diente*

(não é assim que V. Ex.ª pronuncia?); pacificar a Familia portuguêsa». Está muito bem: pegue o meu General nas *leis*... gramaticaes e ande-me p'ra deante com os seus estudos de instrução primaria que tanta faltasinha lhe fazem; pacifique-me, se quizer, a Familia portuguêsa, mas por uma formula completa e generalisada. Não se prenda apenas em observações amorósas sobre a familia *politica* portuguêsa; lance por egual a sua vistasinha de olhos sôbre a familia *gramatical* da mesma nação. Deixe em paz os Adjectivos! Não me estoire os Substantivos! Atenda-me á Concordancia! Folhei-me esses Dicionarios! Veja-me que «preventiva carta» é asneira, como «surprezamente inteirado» o é tambem! Releia-me as duas ultimas linhas da sua mefistofélica prosa e estude até percebêr que estão tortas e desenxabidas como as opiniões juridico-politicas dos jurisconsultos seus mantenedôres, como a Moral em que se escuda, como a Politica de que se faz éco.

Espérte-me êsses ouvidos e êsses miólos, General! Aprenda a lêr e a escrevêr. Conquiste-me o direito ao voto. E já depois não terá de concedêr aos seus irmãos analfabetos o direito de concorrerem comsigo ás urnas porque a situação terá mudado e o meu General não será, como êles, um ente sujeito a palmatoadas desde que caia sob a jurisdição erudita dos senhores Candido de Figueiredo ou defuncto Gonçalves Viana.

Estude General, estude. Olhe! — acredite no que eu lhe digo: — Se em vez de andar metido em soluções politiqueiras o meu General se tivésse deixado ficar caladamente em casa, folheando a Gramatica de Ulysses Machado, algum tanto a de Xavier Rodrigues, e, principalmente o «Falar e Escrevêr» do ilustre erudito a que acima me referi, o meu General, já hoje poderia lêr, *entendendo*, a prosa do seu protector Américo de Oliveira e escrevêr, sem auxilio do *Secretario dos Amantes*, uma carta de parabens ao seu amigo Manuel de Arriaga. E assim não. Sabe muito de conjuras monarquicas, muitissimo de politica internacional, extraordinariamente de Latim. Já manda cumprimentos ao Kaizer em dia de aniversario natalicio e balbucia «super omnia» sem mais de duas silabádas...

De resto, lê declarações que mais parecem atestados de confusão mental e plágios do seu pretenso correligionario Nunes da Mata. Publica cartas que, a serem minhas e escritas aqui ha dez anos atraz, me valeriam quatro estoiradas *bólas* nas unhas dadas pelo professôr Zilhão e mais um «pessimo» no final do mês.

Confesso-lhe, no entanto, que o seu latim me deixou «surpresamente surpreendido». Nunca o presumi capaz de folhear mais que um... calendario de parêde. Mas não: o meu General tambem lê os «Borda de Agua». — Cita-lhe mesmo a frase predilecta — o «Deus super omnia» do fim de todos os Juizos do Ano. Erudito, mesmo bastante erudito, senhôr General!... Talento de Borda de Agua ou Borda de Agua em talento V. Ex.ª está destinádo a largas e «presidenciaes supremacias». Quem assim se revéla aos sessenta anos não desce á cova sem carapuço (real ou académico, já se vê). Mas, para que assim seja, um ultimo conselho, General amigo:

Acabo de lêr na *Capital* desta noite que vai escorraçar todos os seus ajudantes e secretários na «presidencial supremacia da pasta da Guerra». Fa-lo-ha em «preventiva carta» para que fiquem «surpresamente inteirados», mas isso é lá comsigo. Pela minha parte lembro-lhe apenas uma solução grandiosa: porque os não substitue o meu General por uns professoresinhos de primeiras lêtras?... Salvava-se a Gramatica e salvava-se a República porque perde-la, perde-a V. Ex.ª enquanto não descer ás transcendencias do á e i ó u e da concordancia dos verbos com os sujeitos, enquanto se não *generalisar* a valêr na *Gramatica* de amigo Ulysses e na *Cartilha* de João de Deus. Gramatica, senhôr General, Gramatica é que o senhôr precisa! E mais um conselho, Presidencial Supremacia: — Gramatica e um... «Manual Epistolar».

Sem mais, creia na completa solidariedade (exclusivé Gramatica) do que fica jurando admirar-lhe todas as proximas, passadas e futuras cartas.

A. Bustorff.

(Um humilimo vassalo)

Lisboa, 6 de Maio de 1915.

PÁGINAS LIVRES

O PRECONCEITO DA ORDEM

Entre os vários preconceitos que salpicam as theses dos neo-monarquicos, avulta, como grande mancha, o preconceito comtista da Ordem.

Evidentemente que por «ordem» os seus defensores não entendem a méra ordem material e ostensiva, aquela que a policia guarda. Entendem a ordem nos espiritos tambem, a disciplina intima de onde resulta o bom-funcionamento, fisico como psiquico, da engrenagem social. Eles compreendem, de resto, que não ha ordem só material, que é nos espiritos que a ordem começa.

Posto isto, porém, ha ainda a reparar que o conceito de ordem pode ser tomado em dois sentidos, consoante se entenda que ela existe, ou essencialmente na propria intima constituição das forças sociais, ou essencialmente apenas no modo de essas forças se manifestarem.

Se se entende que a ordem existe tanto mais perfeitamente quanto mais perfeita conformidade basica ha nos animos, quanto mais intima e real a submissão á orientação geral da sociedade em que se vive,

chega-se, como conclusão rigorosa, a êste resultado: que o ideal social dos defensores da ordem é uma sociedade absolutamente nivelada, de onde não possam emergir valores nem aristocracias. Porque esses valores e aristocracias ou hão de agir no sentido da orientação geral d'essa sociedade, ou em sentido contrario. Se agem em sentido contrario, são, perante o conceito da ordem que examinamos, creadores de anarquia e de dissolução. E se agem no sentido da orientação social, ou agem creando-a, ou representando-a. Se agem creando-a, presupõe-se que a maioria dessa sociedade é uma massa inerte e morta, incapaz de esboçar uma orientação social — e, nesse caso, como poderam surgir esses valores e aristocracias, e o poder creador que se lhes supõe? como, se a sociedade onde, por hipótese, existem é uma sociedade onde, pela mesma hipótese, não poderiam existir? A hipótese só é admissivel se essa «aristocracia» fôr de estrangeiros; mas não é, por certo, uma «ordem» imposta por estrangeiros que os nacionalistas querem defender. — Se, por outra, esses valores e aristocracias não criam, mas simplesmente representam e *dirigem*, uma orientação social geral, teremos este absurdo: individualidades superiores, e portanto acentuadas, que só pensam em se subordinar e se apagar; dirigentes e mandantes com a mentalidade tipica dos mandados e dos dirigidos. A este repugnante igualitarismo nos arrasta o conceito da ordem, na primeira das suas duas fórmas possiveis.

Mas não é esta, porventura, a «ordem» que os neo-monarquicos cantam. E' no segundo dos dois sentidos apontados que tomam a palavra. A ordem existirá, portanto, não numa servil uniformisação das orientações sociáis, mas numa preocupação em que as manifestações delas sejam ordeiras. Isto é, cada partido politico deve incluir, tacita ou expressamente, a preocupação da ordem no seu programa.

Mediram bem os neo-monarquicos as consequencias sociáis terriveis que resultariam de tal orientação?

Repare-se em que iriamos caír. Um partido politico qualquer teria, álem da preocupação das teorias politicas que o fazem tal, a preocupação da ordem. Tem de ter as duas preocupações com igual intensidade. Porque se está pronto a sacrificar a ordem á realisação das suas teorias politicas, não tem, realmente, a preocupação da ordem. E se está pronto a sacrificar á ordem as suas teorias politicas, não é propriamente um partido politico; pois que, tendo tais teorias, teem-as por certo por essenciais á Patria ou á Humanidade, e não vái sacrificar a Patria ou a Humanidade á Ordem, que, em qualquer hipótese, só póde ter valor secundariamente á Humanidade ou á Patria. — Mas, se um partido politico tem com igual intensidade determinadas teorias e a preocupação da ordem, ele, porque tem tais teorias e não outras, é fatalmente levado a crêr que a verdadeira realisação da ordem só póde ser obtida pela verdadeira realisação dessas teorias. Porque não é de supôr que um partido, que se preocupe com a ordem, julgue que os seus principios partidarios estão em desacôrdo com ela; nesse caso, ou não existia, ou seria um outro partido. — Segue que a preocupação da ordem dará a um partido politico uma vontade

de dominar e de se impôr absolutamente violenta, visto que é sentido como impreterivelmente necessario, para a manutenção da ordem, o seu dominio, o dominio dos principios que representa. Donde se conclue que a preocupação da ordem, num partido politico, eleva ao rubro as suas paixões; e que, portanto, num paiz onde todos os partidos tenham a constante preocupação da ordem, se estará em constante desordem e anarquia. E' este, mesmo, o unico modo de se chegar ao estado de anarquia social. Esse estado provém da excessiva preocupação da ordem.

Queda assim feito em farrapos o preconceito da ordem, rôto por todos os lados o papel em que os neo-monarquicos embrulham as suas teorias de contrabando. Mas isto, com certeza, embora oriente, não satisfará o leitor. Ele quererá saber, sem duvida, qual seja, sobre este ponto, a verdadeira noção sociologica. E' facil fazer-lh'a vêr.

A ordem é nas sociedades o que a saúde é no individuo. Não é uma *cousa:* é um *estado. Resulta* do bom funcionamento do organismo, mas não *é* esse bom funcionamento. O homem normal só pensa na saúde quando está doente. Do mesmo modo, a sociedade normal só pensa na ordem quando nela aparece a desordem. O homem normal quando adoece, procura, não simplesmente sentir-se outra vez de saúde, mas atacar a doença; afastada ela, do seu afastamento resultará a saúde. De nada lhe serviria sentir-se de saúde, se essa sensação não proviesse do afastamento definitivo da doença, mas apenas da sua intermitencia, ou de uma anestesía qualquer. Na sociedade, semelhantemente: quando aparece a desordem, a sociedade sã procura logo, não manter a ordem, que póde ser provisorio ou aparente, mas atacar o mal que produziu a desordem. A exclusiva preocupação da ordem é um morfinismo social.

Levemos até ao fim esta justissima analogia. No individuo, a constante preocupação da saúde é um sintóma de neurastenía, ou de males psiquicos mais graves ainda. Na sociedade, paralelamente, a preocupação da ordem é uma doença do espirito colétivo. Se os argumentos que acima expuz não bastaram para insinuar esta conclusão no animo do leitor, ele póde verificar de todo a hipótese, reportando-se ás circunstancias sociais em que nasceu a moderna preocupação da ordem, e á especie de cerebro onde ela surgiu definidamente.

Apareceu ela num periodo perturbado e anormal da politica franceza e em plena vigencia da doença chamada romantismo. E', caracterisadamente, uma idéa romantica.

O seu criador filosófico, o infelís chamado Auguste Comte, toda a vida sofreu de alienação mental.

Fernando Pessoa.

As conferencias da Liga

Estes senhores perderam o direito ao respeito da inteligencia e da delicadeza do vocabulo teem muito pouco a esperar.

Pois eu podia ia discutir as idéias de Raposo, comentar as doutrinas de Sardinha ou corrigir os disparates de Carvalho!

Antes o Cunha e Costa, cançonetista impudico, ousado como um *chulo*, antes o Pimenta da orquídea, o Pimenta dos versos, o Pimenta dos jornais, o Pimenta das luvas sempre brancas, das calças sempre desfiadas, do chapéu sempre desabado, do volume amarelo sempre na mão, o Pimenta escultura de antropoide, — pobre grotesco que a rua não esquece — a sublinhar elegancias na sua pessoa — o caso da orquidea — o Pimenta escriba dos jornais, feito pensador, o Pimenta grosseiro poetastro e rimador mediocre a considerar-se um estéta.

Antes o Cunha a escrever versos ás cadelas das casas ricas, o Cunha que chama canastras ás pessôas da familia por orgulho, e chama á senhora D. Amelia, ao fazer-lhe o elogio como rainha, *a mulher de mais boas contas que tem entrado em Portugal pelo braço dum rei!* (1)

Este ao menos é assim: põe sempre estilo mesmo na mariolice! Agora os outros! Que aborrecidos moços! Uns são duma bandalheira, incaracteristica e banal, outros, os de mais valor, são caros de estupidez laboriosa.

Conhecem o caso daquêle rapaz que foi vestido d'oficial artilheiro dizer á Liga que a Historia estava toda errada? Calcule-se o alarme! O proprio conferente veiu depois aos jornais explicar tudo, e disse que o seu pensamento reformador se filia numa *carta de Paris*, de Aquilino Ribeiro, publicada na *Capital*.

O meu amigo Aquilino, o que êle fez! Mal saberia êle, ao escrever aquela *carta*, que ia aniquilar o Oliveira Martins, desmentir a historia dum seculo, condenar Mousinho da Silveira e reabilitar os esbirros da Intendencia.

Se estes senhores lançam as bases doutrinarias do futuro regimen monarquico, estamos perdidos.

Não é porque me obriguem a ter simpatia pela figura do Manique ou me levem a faltar ao respeito á memoria do Marquez, é porque não deixando vir idéias de França, tambem com certeza não deixam vir mulheres e eu, desculpem-me a franqueza, ás meninas do *reino de Portugal*, jámais perguntaria como o Poeta, *qual de vós é o meu ideal!*

---

(1) Vd. coleção do *Dia* de 1914

Foi então a Historia ensinada ao contrario? Muito bem. Resta averiguar se em vêz da Historia, não é o conferente que está ao contrario. Póde ser uma ilusão d'ótica, uma deficiencia de visão — o conferente é miope e foi pupilo dos jesuitas o que já é uma suspeita — póde ser um observador mal colocado, póde até suceder-lhe como aquela espanhola da estampa, que só vendo os homens da torre da egreja, exclama: *quê pequênos son los hombres!*

Artur Ribeiro Lopes.

A arrogancia espétaculosa de Paiva Couceiro define bem a traição miseravel do governo

Desde que o general que em 1911 foi expulso da cadeira ministerial por traidor á Patria e á Republica tomou conta da presidencia do governo, muitos e constantes teem sido os átos de vilissimo insulto com que êle tem desconsiderado dia a dia a consciencia republicana do Povo Português.

A todos êles tem sido bem acentuadamente dada a classificação que merecem, e por todos êles se encontra a população excitadissima, com o mais encendrado desejo de, até pelas armas, se necessario fôr, expulsar esse ministerio, substituindo-o por outro que dê seguras garantias de defender a nossa nacionalidade e a Republica dos infamissimos ataques que, pelos processos mais vis, os monarquistas lhe teem movido e movem.

Mas ultimamente um facto veiu desempoeirar mais completamente os que de boa fé se achavam ainda dispostos a apoiar — para vergonha de Portugal — esse governo de cinicos traidores. Esse facto, representativo, sem duvida alguma, da aliança existente entre o ministerio e os perversos conspiradores monarquistas, é o da anistia concedida aos principais chefes organisadores de todas as conspirações e incursões.

Esses homens, dos quais o principal, o mais odiento, o mais celerado dos criminosos é Paiva Couceiro, não podiam, não deviam tornar a entrar neste pais que êles não tiveram duvida de enlutar e despojar largamente, tendo-se armado em terras estranhas!! A ninguem é licito duvidar que só a trôco de tenebrosas concessões prometidas ao país visinho lhes foi permitido e auxiliado o armarem e exercitarem as suas óstes, e, por ultimo, organisarem para lá da fronteira o *exercito* (?) de cobardes assalariados — composto de portuguêses e espa-

nhóis — com' que levaram a efeito o assassinio de varios e dedicados dos nossos compatriotas.

Nós tolerariamos, e comnosco todos os portuguêses de lei, que aos crimes politicos de pretensa restauração monarquica fosse concedida, em tempo oportuno, uma anistía. Compreenderiamos mesmo que esse áto de perdão fosse praticado neste momento — embora êle se não proporcionasse, — mas desde que esses crimes pudessem tomar-se como resultantes de uma intensiva paixão politica a que não pudesse dar-se a mais simples intenção de traição á Patria! Admitiriamos até que essa anistía fosse dada aos assalariados dessa orda que por vezes, vinda de terras estranhas, entrou em Portugal de armas na mão, assassinando infamemente os defensores da integridade da Patria e da Republica! Vá lá!... Mas o que não se póde admitir, o que se não póde conceber senão como a mais afrontosa, a mais repugnante, a mais vil e infame das injurias que teem sido feitas ao Povo Português, é o perdão concedido agora a Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho, principalmente, e a permissão que lhes é concedida tanto a contento desse miseravel governo que para aí está, para que, especialmente o primeiro, ande constantemente pelas ruas de Lisboa em uma espétaculosa provocação arrogante, de pistola aperrada, com uma guarda de honra de policias escolhidos que o auxilia nessa provocação infamissima e lhe permite, sem que promova procedimento judicial, que, como êle fez no dia da chegada, responda aos vivas á Republica, que o povo solta á sua passagem, com môrras ás instituições!

Esta situação é intoleravel. Este estado de coisas, que define bem nitidamente a traição do governo á Republica, tem necessaria e urgentemente que terminar. E, visto que tal se torna necessario, visto que a desmoralisação nefasta que o governo tem semeado na sociedade portuguêsa a tal obriga, peguêmos em armas e vamos para a luta revolucionaria, implantando, definitivamente a Republica em Portugal!

Mas é tambem necessario que nos não esqueçamos de marcar a fogo, indelevelmente, nas caras dos atuáis ministros, o ferrête ignominioso da sua traição ignobil, afim de que dêles se afastem de futuro, com o asco que merecem, todos os portuguêses que amam a Patria e a Republica!

Sergio Silvio.

DE CARA...

Diz-se que estamos n'um regimen republicano!

Vejamos. Que define um regimen? A sua constituição, as suas leis e as suas auctoridades.

Que o caracterisa sendo republicano? A soberania popular.

Após a subida ao poder do ministerio Pimenta de Castro o que

sucedeu? A constituição foi amarfanhada, enlameada torpemente; as leis deturpadas ou aniquiladas; quasi todos os cargos de confiança entregues a monarquicos; os cidadãos, coactos pelo terror das demissões, só teem a liberdade de seguir n'essa falsa corrente de conservantismo reacionario; á sombra dos perigos da demagogia vermelha fazem-se os actos mais ignobeis, mais vis—falseando o espirito altamente liberal do povo português — da demagogia negra.

Após uma revolução como a de 5 d'Outubro, toda sentimental, em que nas poucas horas da febre do jubilo da vitoria, se esqueceram todos os crimes, todos os vexames, todas as perseguições violentas de vinte anos de luta heroica, este sublime povo português esperou que uma nova aurora de resurgimento nacional viesse, convencido de que, com a derrocada da já apodrecida caranguejola monarquica, a grande massa inconsciente despertasse e que os amigos da realêsa que simplesmente temiam a Republica por terem o cerebro prenhe das paginas sangrentas da revolução de 93, abrissem os braços ás instituições nascentes.

Porque foi pois acatada a Republica? Pela não razão de ser da monarquia e por covardia. E então, porque não sucedeu em Outubro o acto violento, sucedeu por estes quatro anos de Republica a violencia por conta-gotas. Quem tem a culpa d'estes actos? A monarquia, que deixou corrompida a sociedade portuguêsa, e muitos d'aquêles que tendo trabalhado para a Revolução, tiveram a ingenuidade de supôr que meia duzia de tiros disparados na Rotunda seriam suficientes para destruir todos os males e criar consciencias. Não se muda a moral d'um povo com uma revolta, antes, faz-se a revolta para preparar o campo para que essa mudança se efetive.

Com a ignobil chantage da demagogia vermelha pertende-se destruir o democratismo. Como pois lançar sobre um unico partido todas as responsabilidades comuns? Crime tanto maior quanto esse partido representa uma forte corrente nacional. Tentar destrui-la é ferir profundamente a Republica.

A que está reduzida a soberania popular?

Aos legitimos representantes do povo são lhes cerradas as portas do Parlamento, as camaras municipaes são dissolvidas, e para dirigir os bens das municipalidades, os bens do povo, não são nomeados seus legitimos delegados, mas sim um grupo d'homens de confiança do ditador. E para se mostrar a necessidade d'isto declara-se que a demagogia vermelha tinha o povo coacto e que todas as eleições passadas não representavam vontades populares. Como resposta a isto ha simplesmente o lembrarmo-nos do ultimo decreto, esse vergonhosissimo decreto que determina a constituição das mesas das assembléas eleitoraes. Seria mais simples ao poder executivo nomear êle proprio os deputados.

O golpe de estado de 25 de janeiro trouxe-nos pois o esfacelamento de todo o edificio republicano, e hoje, que estamos sob a ágide de uma instituição neutra, não resta da Republica mais do que uma ignobil farçada.

Quer isto dizer que a Republica está morta? Não. Comtudo o que claramente se vê é que está em grave perigo.

E' necessario que todos os verdadeiros portuguêses, aquêles que puzeram na sua acendrada fé republicana a libertação da Patria, se unam e que, fazendo aquilo de que nos esquecemos em 5 d'Outubro, proclamem de vês a Republica em Portugal.

João Carrington Simões da Costa.

UM CONFRONTO EDIFICANTE

Uma conferencia

«O sr. Moreira d'Almeida, ao que nos informam de Badajoz, teve outro dia uma conferencia com o sr. Henrique Costa, vulgo Paiva Couceiro. Escusado será dizer que o sr. Moreira d'Almeida, nosso consul de segunda classe, não se acha em Badajoz no exercicio das suas funcções consulares. Pode, manifestamente, ter as conferencias que quizer e com quem quizer, mas será arrojado supôr que a sua conferencia d'agora em Badajoz, tivssse sido concertada em Lisboa?»

D'*A Luta* — n.º 1967 de 7-6-911. 1.ª pag., 3.ª col., *Ecos*.

Um telegrama

(O Sr. Moreira d'Almeida declara não conspirar contra a Republica)

Encontrou-se com o sr. Paiva Couceiro em Badajoz, mas afirma que é estranho aos manejos desse individuo.

Pede-nos o sr. Moreira de Almeida, dirétor do *Dia*, a publicação do seguinte:

Coimbra, 9 — Sr. Director: Apelando para a lealdade de v., venho rogar-lhe a inserção n'*A Lucta* d'esta categorica e formal rectificação á local do seu numero de hontem, que me diz respeito e que só n'este momento li.

Horas depois da agressão de que, tendo já *O Dia* suspenso a sua publicação, fui victima, pedi e obtive, com atestado de medico, licença do sr. ministro dos negocios estrangeiros para ausentar-me em tratamento da minha saude e um passaporte diplomatico para ir com minha familia estar uns dias no estrangeiro, tencionando dirigir-me a Andaluzia e ali repousar, acatando assim o conselho que me fôra dado por alguns dos meus bons amigos particulares. Como, estando em Badajoz, onde descançariamos dois dias, ahi aparecesse inesperadamente vindo do norte e dirigindo-se para o sul da Hespanha, o sr. Paiva Couceiro, que só esteve algumas horas n'aquella cidade, resolvi immediatamente desistir da minha projectada vilegiatura, demorando-me uns dias em Badajoz e voltando com minha familia ao paiz, onde cheguei hoje, para acompanhar meu filho até Coimbra, visto ter sido ahi informado de que vão começar brevemente os actos na faculdade de direito, que está cursando.

O consul em Badajoz, sr. Casanova, aprovou plenamente o meu correcto e escrupoloso procedimento, de que lhe dei conta logo que eu soube que se dirigia para o sul de Hespanha o sr. Paiva Couceiro a cujos trabalhos sempre fui e sou inteiramente extranho, tendo-me limitado á critica da fórma de governar e encontrando-me até á reaparição d'*O Dia* alheio a todas as questões politicas. Esta é a verdade rigorosa dos factos, que corroboraria invocando o testemunho do distincto consul portuguez em Badajoz, se não preferisse garantil-a com a minha palavra de honra pessoal. Muito maguado pela infundada arguição, espero dever agradecer a v. a publicação d'este telegramma no proximo numero d'*A Lucta*, no mesmo local em que foi inserta a noticia que entendo da minha obrigação rectificar immediata e completamente. = *Moreira d'Almeida.*

D'*A Lucta*, n.º 1969 — 10-6-911 — 2.ª pag., 4.ª col.

Couceiro em Lisboa

(Passados quatro annos)

«Henrique de Paiva Couceiro está em Lisboa.

«Quando nas primeiras horas da manhã estreitámos em nossos braços o insigne português e o queridissimo amigo que é Henrique de Paiva Couceiro, sentimos uma das maiores alegrias de toda a nossa vida, supremo minuto de indizivel emoção em que nos esqueceram todas as provações dolorosas d'estes annos terriveis, todas as horas amargas de incertezas e de sobresaltos, todos os abalos d'uma lucta ardente e interminavel em que se vae exgotando a vida emquanto no intimo d'alma mais puro fica o culto dos principios, aos quaes devotadamente a consagrámos.

«Henrique de Paiva Couceiro, a quem no exilio tinhamos deixado quando d'ali viémos em fevereiro, e a quem ouviramos falar tão enternecidamente da Patria bem amada, que n'elle tem a mais alta e a mais nobre personificação da sua Honra, estava ali comnosco n'esta sua querida Lisboa, tendo nos seus labios o mesmo sorriso de bondade e de melancolia e no seu olhar leal sempre a mesma doce e vaga expressão d'um sonhador!

Bem vindo, meu Nun'Alvares! — dir-lhe-hia hoje cheio de orgulho Antonio Ennes, o seu dilecto amigo e chefe, se nós pudéssemos obter de Deus o milagre de resuscital-o e, arrancando-o á paz do seu tumulo, dar-lhe n'este dia n'uma só fugitiva hora, o ineffavel jubilo de vêr Henrique de Paiva Couceiro e confirmado tudo o que o commissario régio de Moçambique sempre pensou da sua bravura inexcedivel, da sua lealdade intemerata, do seu amor patrio levado até á loucura heroica!

«Hoje em Lisboa, como quando com elle estivémos em Hespanha, Henrique Couceiro conserva a mesma adoravel simplicidade no seu porte distinctissimo, e guarda nos seus principios a inalteravel austeridade com que os comprehende e os defende.....»

Do *Dia*, 7-5-915, 1.ª pag., 3.ª col.

Comentarios

***

Que *Ele* tem sempre a mão direita na algIbeira. Que *Ele* não ri. Que *Ele* foi a esta ou aquela parte, falou com X ou palestrou com Z... E toda a gente receia de *Ele* espiando-lhe os mais insignificantes géstos, seguindo-lhe os mais pequenos passos, tentando desvendar-lhe as menos expressivas frases...

Mas afinal para quê? Pois não é *Ele*, como eu, como o leitor e como toda a gente, uma creatura com direito a rebuscar o cotão nas algibeiras e a confessar aos bons amigos as supremas «artes de berliques e borloques» que levaram general Pimenta a fornecer-lhe tão honroso indulto?...

***

Impuzeram um dia novo governo em sua casa, mas por impensada asneira, mantiveram nos seus postos os velhos guardiões do liquidado regimen. Separaram-se: enfraqueceram-se. E um inimigo mais jesuita do que os tres *comeu-os* belamente sob o carapuço incolôr da Pacificação. Percebido o lôgro, quizeram lançá-l'o fóra. Mas cada vez que tal anceio manifestavam, os velhos guardiões vinham comissionados prometêr espadas e mais força ao Brigão Pacificador.

E o país, em espanto, perguntava: «devem os servidores intervir nas contendas dos que representam quem lhes paga? Deve quem paga permitir-se a duvida de admitir um não auxilio dos seus servidores? Quem está descontente com o serviço não tem um portão largo por onde sáia, on uma porta estreita por onde o façam saír?...

***

Emquanto não incide sobre o nosso integralismo e as suas origens uma critica mais apertada, póde o curioso ir entretendo os seus momentos com o livro de D. Parodi *Traditionalisme et démocratie* (Paris, Armand Colin, 1909). Aí as téses dos conservadores francezes (base, como se sabe, das dos nossos integralistas), são rebatidas triunfantemente.

***

... de modo que ele acabará por implantar a Monarquia, para consolidar a Republica...